

'Reino Unido não esperou o imunizante deles para iniciar vacinação, por que nós iremos?', questiona especialista

Uma das mais experientes especialistas do país em desenvolvimento de imunizantes, Clarisa Palatnik pondera sobre aposta do governo na vacina da Oxford e afirma que a melhor opção para o país são as iniciativas de vírus inativados, a exemplo da CoronaVac

Ana Lúcia Azevedo

03/12/2020 - 08:00 / Atualizado em 03/12/2020 - 10:47



Professora titular da UFRJ, Clarisa Palatnik de Souza é uma das mais experientes especialistas do país em desenvolvimento de vacinas Foto: Divulgação/UFRJ



RIO — O Brasil e o mundo devem acompanhar com atenção o resultado da aprovação emergencial da vacina da Pfizer/BioNTech no Reino Unido, diz a professora titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Clarisa Palatnik de Souza, uma das mais experientes especialistas do país em desenvolvimento de imunizantes. Editora associada da revista *Frontiers of Immunology*, ela afirma que a melhor opção para o país são vacinas de vírus inativados, a exemplo da Coronavac, em desenvolvimento pelo Instituto Butantan e a chinesa Sinovac.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

Ad

PUBLICIDADE

Prazo curto: [Pfizer dá uma semana para Brasil fechar acordo por vacina da Covid-19](#)

O que a senhora acha de a Anvisa aceitar pedidos de

autorização de uso emergencial de vacinas contra Covid-19 sem registro?

Isso agiliza a aplicação de vacinas, mas pode prejudicar a avaliação dos testes em curso. O registro é necessário para comercialização. Sem ele, só o governo poderá fazer uso emergencial, o setor privado ficará de fora. Registrar uma vacina é um processo longo. Para se ter ideia, a vacina que desenvolvi para leishmaniose canina levou dois anos e meio para obter, mesmo tendo os estudos completos.

Como a senhora vê a decisão do Reino Unido?

Foi uma medida de desespero para atender a uma emergência. Entendo a necessidade, mas o mundo deve acompanhar com atenção.

Por que?

Não temos estudos publicados sobre os resultados da fase 3, que o laboratório diz ter alcançado, de até 95% de eficácia na prevenção da Covid-19. Esse é um percentual difícil de demonstrar em ensaios de fase 3. Então é preciso observar com cautela.

Por que o Reino Unido optou por aprovar primeiro uma vacina estrangeira em vez da desenvolvida pela anglo-sueca AstraZeneca e a inglesa Universidade de Oxford?

Acredito que a vacina AstraZeneca/Oxford terá que rever seus dados depois de ter apresentado um comunicado de imprensa em que transformou um erro de dosagem num resultado positivo, sem apresentar explicação para tal. Isso é inconcebível e abala a confiança, sugere que os ensaios não foram desenhados com o devido rigor científico. E até agora também não publicou nada que sustente suas últimas afirmações.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

Ad

PUBLICIDADE

LEIA TAMBÉM: [Anvisa estuda autorizar uso emergencial de vacina contra Covid-19 sem necessidade de registro](#)

Mas a Pfizer e a Moderna também não...

Mas, como os testes da Pfizer estão mais avançados e ela entregou toda a documentação, saiu na frente. Os britânicos colocaram a emergência de

saúde pública em primeiro lugar.

Como a senhora vê a decisão do Brasil de começar a vacinar em março com o imunizante AstraZeneca/Oxford?

O Reino Unido não esperou a vacina deles, mas o Brasil vai aguardar para começar justamente por ela. Poderia esperar, por exemplo, pela Coronavac, do Butantã/Sinovac que, a meu ver, pode oferecer uma proteção melhor e deve ter resultados da fase 3 em breve.

Por que?

Porque é feita de vírus inativado e essa estratégia é bem estabelecida, potente e a única que pode oferecer proteção caso o coronavírus sofra mutação em alguma proteína. Todas as demais são feitas com uma proteína, a espícula, ou um pedaço dela. Se ela mudar, a vacina terá que mudar. As vacinas com vírus inativado têm todas as proteínas virais. Isso significa que continuarão a funcionar. Ela também teve estudo publicado sobre a segurança.

Ad

PUBLICIDADE

SAIBA MAIS: [Contra a Covid-19, cientistas pedem reversão de medidas de abertura da economia](#)

A senhora é uma desenvolvedora de vacinas porque prefere uma tecnologia mais antiga?

Em situações de crise, como a que atravessamos, prefiro pisar em terreno seguro. Não à toa a China começou seu programa de vacinação por ela. É uma plataforma muito bem estabelecida. Sou a favor das novas tecnologias, dediquei minha carreira a isso, mas acho mais prudente começar a combater uma nova doença com algo que já se conhece e dar tempo para que novas estratégias sejam testadas com mais tranquilidade. Não entendo inclusive porque o Brasil não desenvolve em paralelo sua própria vacina de vírus inativado. Ainda há tempo.

A vacina Pfizer/BioNTech é contra a Covid-19 ou contra o coronavírus?

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

Ad

PUBLICIDADE

Contra a Covid-19. Se a taxa de proteção for mesmo a anunciada, uma pessoa vacinada não adoecerá, mas continuará podendo transmitir o vírus. Ela não tirará o coronavírus de circulação, mas reduzirá adoecimento e morte. Não é o ideal, mas é muito importante neste momento em que não se tem nada. Na verdade, de todas as vacinas em fase avançada testadas no Brasil só a Coronavac tem estudos publicados mostrando que pode deter a infecção nas vias aéreas de macacos. As outras, nem isso.

A senhora acha viável o uso da vacina da Pfizer/BioNTech no Brasil?

Em massa não, por uma questão de logística e infraestrutura. Algumas vacinas e materiais, como o RNA, são extremamente sensíveis. Tenho um freezer que chega a -80°C no meu laboratório na UFRJ. Durante a pandemia, o gerador não segurou um pico de luz e perdemos muita coisa. Imagine isso num país da dimensão e com as deficiências do Brasil. Imagine essa vacina durante o apagão do Amapá, por exemplo. Não se trata só de freezers. E sim de falta de rede elétrica, de percorrer grandes distâncias em estradas precárias, há uma série de problemas de infraestrutura. Isso sem falar na temperatura ambiente elevada em que as doses seriam administradas.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE



PUBLICIDADE

Quando tivermos mais vacinas disponíveis será possível que uma pessoa imunizada com uma possa ser vacinada com outra que se mostre melhor?

Não sabemos e tão cedo não teremos essa resposta porque isso precisa ser investigado. Sequer temos comprovação de eficiência e segurança das vacinas em fase de teste mais avançadas.

SAIBA MAIS



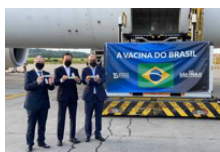
SOCIEDADE

Especialistas defendem criação de estrutura para adoção da vacina da Pfizer no Brasil



SOCIEDADE

Pfizer dá uma semana para Brasil fechar acordo por vacina da Covid-19



SOCIEDADE

SP recebe insumos para produção de 1 milhão de doses da Coronavac



SOCIEDADE

Clínicas privadas esperam vacina de Covid-19 só na segunda metade de 2021

